



CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENLUTAMENTO NA CONTEMPORANEIDADE ATRAVÉS DO ESTUDO PSICANALÍTICO DO LUTO PATERNO

André Victor Machado* (Mestrando em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal do Paraná; Laboratório de Psicopatologia Fundamental (LPF) da Universidade Federal do Paraná; Curitiba-PR).

Contato: andrevictormachado@gmail.com*

Psicologia na Clínica Contemporânea e Novas Sintomatologias

Palavras-chave: Psicanálise. Luto. Clínica.

Quando adentramos nos temas de luto, permeamos um tabu, algo de que não se fala fora de certos espaços e tempos bastante específicos, sempre distante dos assuntos do cotidiano. Não é difícil entender o motivo: visto em sua tradição social e ritualística, o luto perpassa momentos de perdas e da própria morte, assuntos do qual o ser humano pouco quer saber. Mesmo a psicologia, ainda que sendo um campo de estudo sobre as coisas que são próprias do humano, dá testemunho desse desencontro entre experiências da morte e produção de saber. Vemos, aqui, um campo potencial para uma pesquisa empírica: como investigar o luto entendendo que este é, ao mesmo tempo, um fenômeno da singularidade de um indivíduo, sofrente pela sua perda, mas também pertencente a um quadro historicamente determinado pelo interdito da morte? Fundando a exceção que confirma esse tabu acadêmico, encontramos algumas pesquisas recentes que norteiam esta problemática a partir de diferentes variedades de lutos maternos (FREITAS; CREMASCO, 2015), trazendo para a discussão as noções de feminilidade, maternidade, trauma e laços familiares para o corpo de discussão dos temas que cercam o luto, inserindo-o como importante tema das relações humanas na atualidade. Esta pesquisa, no entanto, tenta responder a mesma pergunta agregando uma especificidade diferente: a paternidade. Falamos, portanto, de um pai que tem uma experiência de luto com a perda de um filho(a). Com essa pequena troca de maternidade para paternidade temos também toda uma outra justificativa para esse trabalho: não só ele não tem antecedentes científicos como também dialoga com temas que, apesar de socialmente relevantes, visto que tanto se fala de possíveis crises nas identidades do homem e do pai na contemporaneidade (COURTINE, 2012), são



muito pouco explorados. Chegamos, assim, na seguinte problemática: como se dá a experiência do luto quando o vemos sob a perspectiva de um pai? O objetivo deste trabalho é o de responder essa pergunta analisando, portanto, as vicissitudes do luto paterno através de um diálogo entre a pesquisa histórica e a clínica psicanalítica. Com a primeira, buscamos a criação de um panorama histórico-social e descritivo das esferas temáticas de morte, luto, família, paternidade e masculinidade dentro do contexto cultural contemporâneo, ocidental e urbano em que nos situamos. Com a segunda, adentramos na singularidade de um pai que se insere nesse contexto como alguém que perde sua relação com o filho(a), abalando-se identitariamente em todas essas esferas. Esta pesquisa busca, afinal, produzir diálogo entre dados coletados com um método de pesquisa psicanalítico, lidando eminentemente com a subjetividade, e a descrição de coletividade cultural historicamente determinada.

Esta pesquisa conta com três grandes procedimentos, concomitantes em tempo durante a maior parte de sua duração: uma revisão bibliográfica (1), uma coleta de dados (2) e uma análise destes dados (3). A pesquisa bibliográfica (1) se dá em três grandes esferas temáticas pertencentes ao luto paterno, a saber, o luto, a paternidade e a masculinidade, buscando traçar um panorama descritivo desses temas a partir de textos das áreas da história e da psicanálise. Para a coleta de dados (2) são previstos dois procedimentos: a entrevista e o atendimento psicológico. Ambas buscam situar, dentro do limiar do campo da singularidade, cada uma em suas especificidades metodológicas e limitações, como diferentes indivíduos passaram pela vivência de luto paterno e que sentidos e significados encontram para descrever sua experiência. Por fim, esses dados serão analisados (3) segundo o referencial de ensaio metapsicológico (MOURA; NIKOS, 2011), onde, com o uso das narrativas descritas por esses pais, são construídos casos clínicos onde, a partir das técnicas clínicas de atenção flutuante e da contratransferência do pesquisador, busca-se uma abertura para novos significados que reconstruam as narrativas originais sobre saberes de valor metapsicológico que permitam a intersecção da singularidade com o social.

No presente momento esta pesquisa se encontra aprovada pelo Comitê de Ética da UFPR (CEP-UFPR), registrada sob o CAAE 70141317.3.0000.0102, com previsão de término das etapas de coleta e análise de dados para o mês de novembro. A etapa de revisão bibliográfica tem, até o momento, apresentado informações relevantes ao tema da pesquisa e trazendo elementos que permitem análises mais aprofundadas no diálogo dos referenciais históricos e psicanalíticos. Ariès (1977) traz, ao falar do interdito da morte no ocidente contemporâneo, a contextualização necessária para compreendermos que o luto, em sua característica social, se atrela intimamente aos modos como cada tempo e lugar estabelecem suas relações com a morte, mudando assim seus significados e possibilidades de expressão. Priore (2013), ao tratar do assunto da configuração familiar no Brasil moderno, coloca o pai como representante por excelência do patriarcado que marcou os processos



de criação e reprodução da instituição familiar, marcando o pai como figura central de autoridade coercitiva e provedor financeiro da família e, portanto, a quem este deve responder por uma série de preceitos que o possibilitam exercer essa função social. Courtine (2012) agrega a figura do homem moderno o seu estatus como masculino a partir de um referencial de virilidade, onde o conjunto de papéis sociais e dos sistemas de representação que o definem como tal possui seus mecanismos de criação e manutenção em instituições históricas, sujeitas a mudanças, crises e redefinições. Por fim, retomamos Freud (1921) ao dizer que toda psicologia individual é social após pensarmos que as vivências subjetivas, descrevidas pela psicanálise como funcionando numa ordem psicodinâmica, não podem referenciar-se e constituir-se se não mediadas pela figura de um Outro social que não é, portanto, natural e imutável mas, ao contrário, plástico e dependente de flutuações de campos vários que não o da singularidade.

Ao tratarmos “luto paterno” como uma categoria de experiência de sofrimento, ainda que pautada na singularidade de cada indivíduo que a experencia, percebemos que ela é composta por ao menos quatro grandes esferas de experiência que a todo momento se sobrepõe: a masculinidade, a paternidade, o luto e a perda do filho. Para que haja um luto, é necessária uma perda, da ordem de uma morte, e para que esse luto seja paterno, é preciso que a morte tenha sido de um filho e que o perdente seja um pai. A masculinidade aparece nas entrelinhas como constituinte de material muito próximo da paternidade, ambas mutuamente se informando e se sobrepondo, visto que o pai também é homem e se garante social e familiarmente como tal. Essa breve compreensão nos dá pistas das vicissitudes possíveis para que o luto paterno se manifeste: como processo que diz da psicodinâmica de uma perda (MACHADO et al, 2017), o luto só pode se constituir do mesmo material que os laços mantidos com o objeto formavam, ou seja, a partir da destituição economicamente necessária desses laços encontramos pistas de como foi possível que eles se formassem em primeiro lugar. Apropriando-se dessa lógica para se pensar o luto paterno, encontramos neste uma categoria de análise que diz, a partir da singularidade dos sofrentes em sua condição, das construções sociais acerca das esferas que os contituem e, portanto, ao falar de luto paterno, falamos também de masculinidade, de paternidade, de família, de morte e de luto.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. (1977). *O homem diante da morte*. Tradução de Luiza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- COURTINE, J.-J. (2012). Impossível virilidade. In CORBIN, A.; COURTINE, J.-J. & VIGARELLO, G. (Orgs.). *História da Virilidade 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*, pp. 7-12. Tradução de Noéli Sobrinho e Thiago Florêncio. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.



- FREITAS, F. L. & CREMASCO, M. V. F. (Orgs). (2015). *Mães em Luto – A Dor e suas Repercussões Existenciais e Psicanalíticas*. Paraná: Juruá.
- FREUD, S. (1921). *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. In _____. *Sigmund Freud Obras Completas Volume 15*, pp. 13-113. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MACHADO et al. (2017). *Sobre o Luto: contribuições da psicopatologia fundamental*. In PERES, R. S. HASHIMOTO, R. CASADORE, M.
- M. BRAZ, M. V. (Orgs). *Sujeito contemporâneo, saúde e trabalho: múltiplos olhares*. São Paulo: EdUFSCar.
- MOURA, A. & NIKOS, I. (2011). *Estudo de caso, construção do caso e ensaio metapsicológico: da clínica psicanalítica à pesquisa psicanalítica*. São Paulo: *Revista Pulsional de Psicanálise*, ano XIII, nº 140/141, 69-76.
- PRIORE, M. d. (2013). *Pais de ontem: transformações da paternidade no século XIX*. In PRIORE, M. d. & AMANTINO, M. (Orgs.). *História dos Homens no Brasil*, pp. 153-184. São Paulo: Editora Unesp.